EUSÉBIO DE SOUSA

O "INSTITUTO DO CEARA' se reuniu, em sessão especial, dedicada ao seu extinto consócio, Eusébio de Sousa, no trigésimo dia do seu falecimento. Nela foram pronunciados os seguintes discursos: de Antônio Martins Filho, que para ele houvera sido anteriormente designado, e que lhe deu o título de "A OPEROSIDADE EXCEPCIONAL DE EUSÉBIO DE SOUSA" e do Dr. Osvaldo Aguiar, agradecendo a homenagem prestada ao seu sogro e grande trabalhador das nossas letras.

A operosidade excepcional de Eusébio de Sousa

— I —

Discurso de ANTONIO MARTINS FILHO

Reune-se, hoje, em sessão especial, o "Instituto do Ceará", para o fim de render homenagem à memória de um dos mais operosos dos seus membros — o dr. Eusébio Nery Alves de Sousa.

Em assim fazendo, cumpre o augusto sodalício as suas determinações estatutárias, com a circunstância de que, na pessoa daquele cuja lembrança hoje aqui reverenciamos, encontrou um amigo de aprimoradas qualidades, que lhe emprestou o melhor

das suas energias, do seu zelo, da sua insuperável dedicação, exactamente numa fase em que mais pareceu periclitar a vida da benemérita e hoje sexagenária sociedade de letras.

Esta sessão solene, portanto, sobre ser uma imposição de ordem regulamentar, é também, e principalmente, o pagamento de uma dívida de gratidão, a par do merecido tributo, que todos nós prestamos, ao querido companheiro extinto que, no âmbito desta Casa ou fora dele, soube ser grande pela persistência, grande pelo espírito, grande pelos sentimentos e grande pelo coração.

PRIMEIROS VAGIDOS

Eusébio, filho de José Nery Alves de Sousa e de da. Maria Galdina de Sousa, nasceu na cidade do Recife, a 14 de Agosto de 1883. Fez ali os seus estudos primários e, ao concluí-los, passou a cursar o Ginásio Pernambucano.

Data de então os seus primeiros vagidos no mundo das letras, nesse mundo incompreendido e cheio de fascinação, em que teria inevitàvelmente de militar, com o melhor das suas energias, com todo o vigor da sua poderosa inteligência e com aquela operosidade excepcional que lhe constituía o traço ou característica específica.

Mário Melo, emérito historiador de projeção nacional, em sugestiva página de reminiscência, inserida no Almanaque de Pernambuco — edição para 1915 —, narra a maneira por que ele próprio, o Eusébio de Sousa e mais outros, conseguiram conquistar o almejado epíteto de "jornalistas", ao apagar das luzes do século que passou.

Evoquemos alguns tópicos dessa interessante narrativa, subsídio que é para o estudo da formação intelectual de nosso homenageado, na fase áurea de sua exuberante adolescência.

> "..... Numa república, no cais do Capibaribe, fundámos uma sociedade literária, que tomou o nome de Bernardo Vieira de Melo, em honra do célebre vereador de Olinda que pretendeu fazer de Pernambuco uma democracia veneziana, o que ainda hoje perturba o velho Soares Quintas.

Era preciso um órgão. Sociedade sem órgão é corpo sem pernas. Que sonhos deliciosos em nossa imaginação: jornalistas! Podermos tractar o *Diário de Pernambuco*, a *Província* e o *Jornal do Recife* por nossos colegas! Lermos no noticiário das folhas o epíteto honroso de companheiros!

Formulámos o projeto. Éramos todos alunos do Ginásio Pernambucano. A sociedade funcionava na minha *república*. Reunimos os sócios, discutimos e resolvemos a criação do jornal. Sob proposta minha, tomou o título de *O Àlbum*.

Primeiro embaraço: crédito numa tipografia. Percorremos várias delas e nenhuma se quis arriscar ao fiado! Apelámos para o amor paternal do velho Sousa, administrador do *Jornal do Recife*, por ser o seu filho Eusébio um dos nossos associados. E ele se arriscou a perder os 35$000 da composição do primeiro número.

No dia 1 de Junho de 1900 surgiu *O Àlbum*, sagrando jornalistas seus redactores Alcebíades Lima, Adalberto Ribeiro, Eusébio de Sousa, Mário Rodrigues e Mário Melo.

. . . . . .

Os jornalistas eram todos mais ou menos da mesma idade, variando dos 15 aos 17 anos. O artigo de fundo foi escrito por Mário Rodrigues, naturalmente o mais hábil do grupo. Ficou assim, desde logo, com as honras de redactor-chefe. Eu escrevi sobre a guerra anglo-boer, atirando-me contra a Inglaterra, numa linguagem de provocar intervenção diplomática.

. . . . . .

A assinatura era de 1$000 por trimestre. No mesmo dia arranjámos vários assinantes, solvendo as nossas dívidas. E cogitámos logo de cadeiras gratuitas no Santa Isabel, passes de bondes, convites para as festas e todas as regalias da classe.

. . . . . .

Depois vieram surgindo as dificuldades financeiras. O velho Sousa tinha confiança na palavra dos fregueses. Mandou compor o número seis. O jornal foi para a máquina e ficou impresso à espera de, pelo menos, metade do custo. Fizemos um esforço inaudito. Cada um de nós tirou do bolso o dinheiro que possuía; com as assinaturas, a soma não atingiu a 13$000! Deixámos passar um dia, dois, três, sempre na conquista do cobre — Canaã que jamais alcançámos.

E fomos logo mudando de calçada. Ninguém transitava mais pelo lado do *Jornal do Recife*. Os recados do velho Sousa não eram ouvidos: quando o avistávamos de longe, quebrávamos o beco... E passaram-se catorze anos até hoje!

. . . . . .

Todos os cinco jornalistas de 1900 são bacharéis em Direito e constituiram família. O Alcebíades Lima, depois de professor público no Pará, é juiz substituto de uma comarca do interior do Norte, tendo abandonado por completo a pena. O Eusébio de Sousa é Juiz de Direito, dando-se ainda ao vício de escrever uma vez por outra, dedicando-se mais às letras jurídicas. O Adalberto, que era uma revelação, abandonou tudo, inclusive a musa nas horas vagas, e vive na contabilidade da Fazenda Federal. O Mário Rodrigues, últimamente na magistratura estadual, fez sempre profissão do jornalismo. E o outro Mário embrenhou-se na telegrafia e deu-se ao vício da política, e ao seu complemento — o jornalismo partidário".

. . . . . .

Concluídos os estudos preparatórios e já assim iniciado na "vida jornalística", ingressou Eusébio na tradicional Faculdade de Direito do Recife.

Do que foi o seu quinquénio académico, dá-nos uma ideia bem nítida, em "Os nossos perfís", publicado na Revista do

Instituto do Ceará, tomos XLIII e XLIV, correspondentes aos anos 1929|1930.

Gozando da intimidade do já afamado poeta Silveira de Carvalho e de outros rapazes de talento e de valor, mais se lhe acentuara a tendência inata para as lides da imprensa, em que teria de percorrer toda a escala cromática: revisor, repórter, noticiarista, redactor, redactor-chefe e, por fim, diretor do jornal.

No ano do término do curso — 1907 —, patrocinara Eusébio a reunião preparatória dos calouros, para a organização do programa que teriam de executar, nas festas costumeiras de 11 de Agosto.

Por isso, elegeram-no presidente honorário dos aludidos festejos, ocorrência que ofereceu ensanchas ao Silveira de Carvalho, para traçar-lhe o perfil, em versos assim:

"Se não fosse tão feio — já me disse —
Ou se não me tomassem por pedante,
Talvez meu curso repetisse.
Gostei tanto da vida de estudante..."

É por saberem disso que, ao deixá-la,
Para que uns tempos lembre, imorredouros,
O elegeram, há bem pouco, sem cabala,
Presidente honorário dos calouros...

Da turma do Eusébio, composta de 110 bacharéis, dois apenas representavam o Ceará: Adolfo Memória e Àlvaro Garrido Nóbrega.

Dela também fez parte um jovem que, tendo embora nascido na terra paraibana, iria mais tarde radicar-se em carácter definitivo no nosso meio, como professor da Faculdade de Direito e, principalmente, como político de projecção que é: o dr. José de Borba Vasconcelos.

TRANSPLANTAÇÃO

Com o diploma de bacharel em Direito e a cabeça cheia de sonhos e aspirações, decidiu-se Eusébio de Sousa vir para o

Ceará, ao iniciar-se o ano de 1908, época em que uma esplendida e magnífica efervescência empolgava todos os quadrantes da vida mental desta Terra da Luz.

Qual a mão extranha ou misteriosa que impulsionara o nosso biografado para estas bandas, quando, mercê de sua inteligência e das excelentes relações de amizade que conseguira angariar, poderia galhardamente vencer em sua própria terra natal?

A incógnita, senhores, parece-nos demonstrada por Menotti del Picchia, quando, em versos de um fino sabor fatalista, sentencia:

"Fugí-la? Não querê-la? — É inutil desatino...
Aquela que há de vir, vem no próprio destino".

E assim realmente aconteceu. Em aqui chegando, de logo o jovem bacharel seguira para o termo do Icó, onde iria exercer a judicatura.

Na cidade de linhas senhoriais, impregnada de gloriosas e heróicas tradições históricas, encontrara o natural e valiosíssimo complemento dos seus dias do porvir: contraira nupcias com Da. Márcia Monteiro Osório, dilecta filha do comerciante Arnaldo Osório e de sua exma. esposa, Da. Isabel Monteiro Osório.

De um poder de adaptação admirável, Eusébio de Sousa ràpidamente afeiçoara-se à terra, ao seu povo, à sua história, às suas justas aspirações.

Já em 1908, por ocasião da visita dos engenheiros incumbidos de estudar o plano de um ramal da estrada de ferro para aquela cidade, pronunciara então, no Teatro Municipal, magnífica e oportuna conferência, publicada depois em folheto, na *Tip. do Jornal do Recife.*

A ideia do ramal, aliás, foi por ele calorosamente defendida, numa série de artigos que publicou e que também enfeixara em volume, para que tivessem maior e mais ampla divulgação.

O JUIZ E O ESCRITOR

No ano de 1909 fora o Dr. Eusébio de Sousa removido para o Quixeramobim, onde permaneceria durante três anos, bipar-

tindo suas actividades entre os misteres da justiça e as letras.

Já aí se manifestava em tonalidades bem fortes a sua predilecção pela pesquisa histórica. É dessa época o estudo denominado "António Conselheiro em Juizo", publicado na Revista do Instituto, tomo XXVI, ano de 1912.

Nesta mesma localidade fora o seu lar duas vezes enriquecido com o nascimento dos seus primeiros filhos: Arilo e Aglaé; esta, a secretária e distinta cooperadora nos seus últimos empreendimentos intelectuais; aquele, orgulho dos seus últimos dias, isto é, engenheiro militar e major deste Exército Nacional que ele tanto enalteceu e glorificou.

Ainda exercendo as funções do cargo de Juiz de Direito, percorreu o Dr. Eusébio as comarcas de Assaré (1913), Ipu (1913 a 1918), S. Bernardo de Russas (1920 a 1922) e, finalmente, Quixadá (1922 a 1926).

Em todo esse perigrinar pelos sertões, durante mais de 20 anos de actividades, Eusébio de Sousa não foi ùnicamente o Juiz; foi também, concomitantemente, o jornalista insatisfeito, o perquiridor impenitente, o investigador infatigável, isto é, o intelectual perdidamente apaixonado pela arte difícil e ingrata de escrever.

No Ipu fundou o jornal "Correio do Norte" e redactoriou *O Campo*, revista dedicada a interesses agrícolas. Em Russas fez circular a *Gazeta Jaguaribana* e, por último, em Quixadá, editou um dos melhores hebdomadários de quantos já circularam nos nossos sertões — *O Sitiá*, de sua direção e propriedade, sendo então composto e impresso em oficinas próprias.

Acrescente-se a isso o tempo que dedicava ao teatro, escrevendo revistas e, sobretudo, comédias de costumes regionais, à maneira de "Amor noturno", "Um médico em apuros", "Icó por um óculo...", "O Assaré em ceroulas", "Fora dos eixos", etc..

De mais a mais, constante era a sua colaboração nos jornais de Fortaleza, de Recife e do Rio, além de estudos e pesquisas de ordem histórica, inseridos nas páginas de revistas especializadas.

A propósito da reorganização da "Biblioteca Eusébio de Sousa", fundada e mantida pela sociedade "Aliança Artística

e Proletária de Quixadá", assim se expressa o seu órgão oficial, em edição de 1941:

> "Aqui — diz o articulista —, permita-me dar uma ligeira explicação da origem deste nome. O Dr. Eusébio Nery Alves de Sousa, famoso historiador de homens e factos do Ceará, foi durante muitos anos Juiz de Direito desta comarca. Espírito empreendedor, Dr. Eusébio não se amoldava muito a esse negócio de magistratura; era jornalista, gostava de incentivar o progresso e pôr em acção as suas ideias. Por isso nossa terra lhe deve um bom número de serviços", etc..

Minhas senhoras e senhores: Em que pese a opinião contrária do noticiarista que venho de citar, não me parece razoável a afirmação de que o nosso biografado subestimasse o seu ofício de distribuidor da justiça, de guardião da sociedade, de julgador, enfim.

Ao contrário disso, sabia perfeitamente que a coexistência social nada mais é do que uma resultante da aplicação dos postulados do Direito.

Compreendia a grande responsabilidade que pesa sobre o juiz, na sua elevada missão de aplicador da lei. Elemento mediador entre um princípio ideal estático e a prática de actos desse princípio decorrentes, de seu critério dependem, em maior parte, os resultados que possam assegurar a harmonia e conservação da sociedade em geral. E esses resultados serão tanto mais eficientes quanto mais sábia for a sua actuação, interpretando a regra jurídica, não como ideia abstrata, porém como medida salvadora que, para atingir os fins colimados, não deve fugir à realidade social.

E porque de tudo isso possuía a mais exacta e justa compreensão, a personalidade singular do homenageado desta noite soube manter-se em um equilíbrio admirável: nem o escritor se superpôs ao juiz, nem tão pouco o juiz contrariou as predileções ou tendências indeclináveis do escritor.

NO INSTITUTO DO CEARA'

Entediado, talvez, da monotonia e da rotina do viver sertanejo, resolvera Eusébio de Sousa abandonar a judicatura e vir para Fortaleza, onde passou a residir definitivamente, a partir de 1927.

A sua actividade intelectual desdobrara-se admirávelmente, pois que horizontes mais amplos e mais vastos se lhe descortinaram aos olhos ávidos de novos triunfos, no mundo caleidoscópico da inteligência e do saber.

Redatoc-chefe da *Gazeta de Notícias*, nos anos de 1928 e 1929 — as colunas do brioso matutino passaram a servir de ponto de irradiação do seu pensamento e das suas ideias.

Foi precisamente a essa época que Eusébio de Sousa passara a categoria de sócio efectivo do Instituto, onde de há muito vinha prestando sua cooperação, na qualidade de sócio correspondente.

Com efeito, o novel ocupante da cadeira número 3, que JOAQUIM CATUNDA e MONS. BRUNO tanto souberam honrar, já possuía, nos anais desta Casa, brilhante fé de ofício, não somente em virtude da vasta colaboração divulgada em sua preciosa Revista, desde o ano longínquo de 1912, como também pela feliz iniciativa que tivera, de promover, em nome do Instituto, as festas memoráveis de 31 de Outubro de 1924, no lugar Santa Rosa, em homenagem à memória de Tristão Gonçalves Pereira d'Alencar, o heróico presidente da Confederação do Equador em terras cearenses, no ano tumultuoso e trepidante de 1824.

Daí porque em sua proposta, apresentada ao plenário em sessão de 20 de Setembro de 1928 e firmada pelos Srs. Barão de Studart, Tomás Pompeu, Teodorico da Costa, Álvaro de Alencar, José Lino da Justa, António Augusto e Álvaro Fernandes, lê-se o seguinte:

> "Incluindo o nome de Eusébio de Sousa na relação dos seus associados, o Instituto Histórico do Ceará paga uma dívida de gratidão.
>
> O novo consócio tem honrado brilhantemente as

páginas da sua Revista com trabalhos os mais interessantes sobre assuntos de sua especialidade, que é penetrar nos arcanos de nossa História para desvendar segredos, buscar origens, elucidando pontos envoltos em grandes obscuridades. E tudo isso faz com intenso amor, com paciência desmedida, firmando-se sempre na verdade dos factos e na justiça.

Espírito inteligente e operoso, há de levantar essa Associação, a mais antiga do Estado, com a sua ilustre colaboração".

Não foram em vão as esperanças depositadas na pessoa do novo membro efectivo da veneranda sociedade.

Ingressando no quadro de sócios efectivos, em companhia de Carlos Studart Filho e de Tomás Pompeu Sobrinho, nosso actual presidente, a operosidade excepcional de Eusébio de Sousa se fez sentir de um modo tão forte e tão surpreendente que, ao lado do sr. Barão de Studart, de logo passou a constituir um dos fortes esteios da tradicional corporação, durante dez anos consecutivos.

É o que nos afirma a palavra autorizada de nosso preclaro e distinto consócio dr. Leonardo Mota, o qual, noticiando o aparecimento de "Meio Século de Existência" em Março de 1937, assim se expressa:

. . . . . .

"Sempre pensei e externei que a eleição de Eusébio de Sousa para o "Instituto" e sua escolha para o cargo de primeiro secretário foram conquistas esplêndidas para a douta corporação. Porque ele é desses homens que sabem querer. Quando forma um projecto, vai até a realização integral do mesmo, arrastando óbices e contratempos que entibiam ânimos um pouco menos voluntáriosos.

Com a precariedade de saúde do venerando Barão de Studart, Eusébio de Sousa avocou a si os encargos mais rudes da direção do "Instituto". Aliás, isso é o que se observa nos grémios de letras, esparsos pelo país. Não há nenhum deles que não possua um

consócio que seja "a alma" da sociedade. Sirvam de exemplos Max Fleiuss no "Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Bernardino de Sousa na Baía, Mário Melo em Pernambuco, Epifânio Dória em Sergipe. Pois, Eusébio de Sousa faz actualmente, em Fortaleza, o que esses infatigáveis e eméritos batalhadores realizam no Rio, em Salvador, no Recife e em Aracaju".

ARQUIVO E MUSEU HISTÓRICO

A seu requerimento, revertera à actividade pública o Dr. Eusébio de Sousa, sendo então designado, por acto de 20 de Novembro de 1931, do Interventor Carneiro de Mendonça, para reorganizar o Arquivo Público — amontoado de papéis velhos, relegados aos baixos do Palácio da Luz.

Ao mesmo tempo em que se desempenhava da alta incumbência, transformando o Arquivo em qualquer coisa de útil e de interessante, tomara a iniciativa de reunir o material ao seu alcance para a composição do nosso Museu Histórico.

Este Museu, realização inteiramente sua, foi instalado provisòriamente à rua 24 de Maio, numa das dependências do Departamento de Educação, a 1 de Julho de 1932.

Sua instalação definitiva ocorreu seis meses depois, isto é, a 7 de Janeiro de 1933, passando a funcionar anexo ao Arquivo Público.

Fazendo solicitações, expedindo circulares diversas, despertando o patriotismo de uns e neutralizando a indiferença de outros, o nosso biografado conseguira quase tudo o que constitui o Museu Hostórico do Ceará. Se este, nas condições em que ora se encontra, não chega a ser um dos mais importantes do país, contudo já representa alguma coisa e, além disso, equivale a um esforço inaudito do seu emérito e dinâmico fundador.

O HISTORIADOR

Não será, por certo, no âmbito estreito de um discurso, que conseguiremos fazer a análise da obra deste invulgar batalhador.

Para se dizer com segurança o que ele em vida conseguira realizar, notadamente neste último decénio, tornar-se-ia necessário estudo de mais largas proporções, quer em extensão, quer em profundidade.

Desse modo, passemos em revista os seus livros maiores, para que tenhamos uma ideia da sua operosidade, do valor da sua inteligência e do seu extraordinário poder de vontade.

Em 1937 publicou "Meio Século de Existência", substancioso trabalho de quase 400 páginas, comemorativo do cinquentenário do Instituto do Ceará.

Dedicando especial carinho à nossa história militar, escreveu e publicou:

"Tibúrcio — Grande soldado e pensador" — 1937.

"Sampaio — O patrono da Infantaria" — 1938.

"Os Tamborins" — 1941.

"Gustavo Sampaio", narrativa histórica — 1942.

"Anedotário da Guerra da Tríplice Aliança", 1944.

E' de notar que todos os trabalhos desta série, com excepção de "Gustavo Sampaio", lograram ser premiados e re-editados pela Comissão Diretora da Biblioteca Militar, anexa ao Ministério da Guerra, circunstância que constitui motivo de verdadeiro orgulho para todo e qualquer escritor.

Observe-se que, neste mesmo gênero, deixou inéditos, o Dr. Eusébio de Sousa, os livros seguintes:

"Tradições Militares" — crónicas.

"Os patronos do Exército Brasileiro".

"Clarindo — o cidadão soldado".

"História Militar do Ceará", uma das monografias da série de 26 que este Instituto pretende publicar, segundo um plano já em franca realização.

Em 1945 publicou o Dr. Eusébio de Sousa o seu último livro: a excelente obra — "Tribunal de Apelação do Ceará", compreendendo uma síntese de sua história, desde 1874 até aquele ano e, bem assim, dados biográficos dos desembargadores que por ali passaram, em todo esse lapso de tempo.

x

x x

O SENTIDO DESTA SESSÃO

Minhas senhoras, meus senhores:

Tentei demonstrar-vos, de maneira exaustiva talvez, o que foi em vida o querido consócio falecido nesta cidade, precisamente há 30 dias.

Detive-me, propositadamente, na análise dos seus primeiros passos, na seara das letras, pois que, de 20 anos a esta data, a sua projecção em nosso meio é bem conhecida e admirada por todos vós.

Não foi um afortunado de bens materiais. Foi, sim, um trabalhador incansável, em prol da grandeza intelectual de nossa terra.

Não possuía preocupações estilísticas, nem tão pouco pruridos de erudição.

Tornou-se, porém, um beneditino das letras históricas, prescrutando a voz da tradição, refletindo costumes, investigando arquivos, compulsando documentos, rebuscando o passado, narrando factos, focalizando personalidades, isto é, trabalhando e produzindo.

Por isso, Eusébio de Sousa, consubstanciando uma das mais precípuas finalidades desta Casa, tornou-se credor de nossa estima, da nossa simpatia e de nossa gratidão.

Agora, que a mão inexorável do destino lhe cortou o fio da existência preciosa e fecunda, enalteçamos a sua memória, glorifiquemos o seu labor, prestemos-lhe a nénia comovida de nossa imperecível saudade.

Esse, o sentido especial desta sessão, em que a Casa do Barão de Studart lhe presta as mais justas homenagens, reflectindo o coração e o pensamento de todos os cearenses!

— II —

Discurso do DR. OSVALDO AGUIAR

Exmo. Sr. Governador do Estado.
Demais autoridades presentes.
Meus senhores.
Minhas senhoras:

A vida tem contrastes tremendos de uma injustiça que apavora. Afigura-se-me fácil a demonstração do asserto. Haja vista o facto concreto, que me diz respeito e que ora, de passagem, vos revelo.

Há cerca de 20 anos, neste mesmo casarão, que resplandece de tradições gloriosas e cujo recinto me é tão familiar, pelas visitas obrigatórias e constantes que lhe eu fazia; neste mesmo ambiente de paz e de luz, paz que encanta e luz que estonteia, eu levava uma existência folgazã e me sentia feliz tanto quanto pudesse sê-lo. E' que, a esse tempo, neste mesmo edifício, funcionava a nossa Faculdade de Direito, a velha Salamanca cearense, e eu, na qualidade de acadêmico, que então o era, vezes sem conto, tive a oportunidade de tomar parte activa nas reuniões agitadas e nas discussões calorosas do "Centro 11 de Agosto" e de assistir às sessões festivas, que se realizavam, amiúde, entre gritos de intenso júbilo e cânticos de louvor, em comemoração ás datas cívicas do Ceará e do Brasil.

Hoje, decorridos dois decênios daquela quadra vivida, a mais deliciosa de minha mocidade, numa antítese verdadeiramente desesperadora, penetro, de novo, os humbrais deste velho prédio e o faço com a alma coberta de crepe e o coração cheio de dor, porque venho assistir, nesta hora triste e solene, a uma sessão fúnebre dedicada à memória de Eusébio de Sousa, falecido, justamente, há um mês e a cuja família pertenço por laço de afinidade.

Tudo isso vem positivar que a felicidade não é eterna. No auge da satisfação, eis senão quando nos bate á porta a parca,

que é cega e impiedosa, para trazer-nos o pranto e a consternação.

A morte tem caprichos de vândalo e instinto de chacal. Ninguém escapa à sua fúria destruidora e funesta. Todos lhe prestarão contas na hora asada. Um insígne pensador indígena, acerca do assunto, emitiu, alhures, este conceito, que é a expressão da verdade nua:

"A vida não tem mais do que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento; outra de sair, pela morte. Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar à entrada. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída. E, de um ao outro extremo, vai o caminho, longo, ou breve, ninguém o sabe, entre cujos termos fatais se debate o homem, pesaroso de que entrasse, receioso da hora em que saia, cativo de um e outro mistério, que lhe confinam a passagem terrestre".

A morte é a finalidade de todos os seres. Assim vem sucedendo, desde que o mundo é mundo. Pessoa alguma, porém, se acostuma com ela. Ninguém lhe perdoa o golpe traiçoeiro. Só o tempo, que tudo destroi e tudo apaga, consegue o milagre de minorar um pouco o sofrimento, que ela nos causa ao ceifar um ente querido. Não há, pois, outro jeito senão apelar para esse factor, como um único remédio capaz de aplacar a nossa aflição.

Meus senhores:

O Instituto do Ceará, cuja missão é desenvolver o estudo da História, da Geografia, da Etnografia e das letras, em suma, constitui, por sem dúvida, o maior centro de nossa cultura, pois congrega em seu seio a elite mental do Estado.

As sociedades literárias e científicas, em nosso meio, quase sempre morrem ao nascer. Este augusto e nobre sodalício, que é uma oficina de valores autênticos, faz excepção à regra geral.

Desde a sua fundação, que remonta ao ano de 1887, até hoje, tem vivido sem solução de continuidade. Surgem as secas inclementes e devastadoras, aparecem as crises financeiras, rebentam as revoluções políticas e sociais, caem os governos e o Instituto nada sofre. Continua, firme e resoluto, na sua marcha triunfal pelo tempo afora. Nada o leva de vencida. Nada o impede de realizar as suas sessões normalmente e de publicar, com

assiduidade, a sua Revista, que é um manancial fecundo de preciosidades científicas e um repositório fiel de raras joias literárias. Cada dia que passa, mais aumenta e cresce, a olhos vistos, o seu conceito e o seu prestígio.

Trata-se, não há negar, de uma colenda e tradicional corporação, que honra o Ceará e o Brasil, e cuja fama já repercutiu, vitoriosamente, além das fronteiras de nossa pátria.

Merece, por isso, a nossa admiração e, sobretudo, o nosso respeito.

Pois bem, senhores, esta benemérita instituição, de acordo com o que prescrevem os seus estatutos, toda vez que um sócio fecha os olhos à vida terrena, lhe presta, em sessão solene e fúnebre, no trigésimo dia da sua morte, um preito de sentida homenagem.

A sessão de hoje é especialmente dedicada à memória de Eusébio de Sousa, seu sócio efectivo e uma das colunas sólidas do majestoso monumento de nossa história.

O Instituto, por meio de seu intérprete, Dr. António Martins Filho, acaba de fazer a biografia do pranteado extinto.

Falou, com saudade, do velho companheiro, que partiu em busca da eternidade. Deplorou a extinção da luz daquela inteligência peregrina. Lamentou a sua ausência deste querido cenáculo de letras, a que ele dedicava um amor paternal e que viveu, por vários anos, iluminado pelos clarões de seu espírito incomum.

Salientou-lhe a operosidade na terra cearense, como magistrado, como jornalista, como historiador e como cidadão. Frisou os serviços inestimáveis por ele prestados ao Instituto, de que foi um dos mais fortes baluartes, e em cuja Revista, bastas vezes, publicou trabalhos de mérito sobre diversos assuntos. Ressaltou, ainda, o muito que ele fez pelo Arquivo Público e Museu Histórico do Estado, frutos do seu esforço e da sua dedicação.

Os conceitos emitidos pelo ilustre orador acerca do querido morto são justos. Na verdade, ele foi, em vida, tudo isto e mais alguma cousa, pois, além dos dotes intelectivos que a natureza lhe concedeu, era opulento em qualidades morais. Possuia um grande coração, um espírito sereno e uma alma simples. Amou

a paz, espalhou o bem e pregou a verdade. Viveu para as letras, para a família e para o Ceará.

A sua actividade mental foi intensa. Era um cérebro em constante agitação. Em toda a parte onde esteve, dirigiu jornais e revistas, fundou sociedades literárias, incentivou a instrução no seio da juventude e distribuiu livros a mãos cheias.

A sua bagagem literária é considerável.

Publicou cinquenta e sete volumes sobre assuntos históricos e dez folhetos sobre assuntos teatrais, afora centenas de artigos espalhados em jornais e revistas do norte e do sul do País.

Deixou inéditos dois livros a respeito da vida militar do Brasil, sem falar em outros trabalhos de importância.

Mantinha correspondência constante com vultos de nomeada no mundo científico do País. Pertencia, também aos Institutos Históricos e a outras sociedades de letras de muitos Estados da Federação.

Como intelectual, preocupou-se em pesquisar os factos da nossa História, trabalhou, sem visar à recompensa pecuniária e escreveu, sem a intenção de conquistar fama e renome. Inteiramente destituído de vaidade, as glórias efémeras da vida jamais o seduziram. Nunca lhes prestou a menor atenção e assim sempre agiu impelido pela certeza de que

> ..."*Essas honras vãs, esse ouro puro,*
> *Verdadeiro valor não dão à gente:*
> *Melhor é merecê-los sem os ter*
> *Que possuí-los sem os merecer*".

Idolatrava a esposa e os filhos. Pela família, era capaz de todos os sacrifícios.

Apesar de pernambucano, dedicava forte afeição ao Ceará. Este rincão era para ele a terra abençoada da Promissão e a Canaan bendita da concórdia. Aqui chegou, no verdor dos anos, aqui ingressou na magistratura, aqui viveu, aqui se casou, lutou, constituiu família e, enfim, morreu. A terra generosa e boa que, de braços abertos, o acolheu, cheio de vida e mocidade, há quarenta anos, é a mesma que, há um mês, lhe recebeu, no seio, o corpo inerte, para o sono eterno.

Há outra faceta de sua individualidade que carece salientada. Quero referir-me ao sentimento religioso de que era dotado. A sua crença em Deus e nas cousas sagradas era ardente e inabalável. Assim viveu e assim morreu.

Na extrema hora da agonia extrema, ao avistar Frei Bernardino, seu confessor e conselheiro, ainda conseguiu balbuciar uma única palavra: "Jesus". Expirou, portanto, com o pensamento voltado para o céu.

Senhores:

Por todas essas invejáveis qualidades, que raro se nos deparam reunidas, nos dias hodiernos, ele se impôs à estima e à consideração gerais. Era deveras amado e querido do povo cearense.

Prova-o, à evidência, o seu enterramento, que foi um verdadeira consagração póstuma, tendo a massa, em todo o trajecto, conduzido o ataúde à mão.

Atesta-o, mais, a espontânea manifestação de pesar que a família há recebido, de todas as partes, através de centenas de telegramas e cartas.

Dí-lo, ainda, e, sobretudo, esta sessão fúnebre, que é a reprodução de tantas já realizadas, em outras corporações científicas e literárias do Ceará e do Brasil, como um preito de glorificação à memória do ilustre morto, que é, no mundo, mercê de suas virtudes excelsas, um exemplo aos vivos.

xxx

Sr. Presidente e demais membros do Instituto do Ceará:

Resta-me agora, tão só, dirigir-me directamente, às vossas pessoas, para, em nome da família de Eusébio de Sousa, expressar-vos o mais profundo reconhecimento pela vossa solidariedade à nossa mágoa. Essa atitude do Instituto bem demonstra a grandeza de vossas almas e a bondade excessiva de vossos corações.

O vosso gesto nobre, neste transe angustioso de luto e de amargura, serve como lenitivo à dor que nos crucia, porque produz o efeito salutar de um bálsamo providencial.

Não quero prender-vos por mais tempo a atenção com fra-

ses, que nem sempre podem traduzir o que o peito sente. Basta só que os nossos olhos, que reflectem o que vai no nosso íntimo, pousados sobre vós, manifestem, na sua linguagem muda, a nossa imorredoura gratidão para convosco.

E é sob a fé ardente desta confissão que vos agradecemos, bastante sensibilizados, esta prova pública e comovente de estima e este testemunho, altamente sentido e sincero, de amizade.

Que a sorte bafeje sempre a vossa Instituição e os céus iluminem o vosso futuro.